

Religião, valores morais e política entre a juventude mineira do Pólo Capital: observações preliminares*

*Léa Freitas Perez
Luciana de Oliveira
Marcos Arcanjo de Assis***

Resumo

A partir dos dados de *survey* realizado entre estudantes do terceiro ano do ensino médio da rede pública de ensino de Minas Gerais, particularmente daqueles que dizem respeito ao Pólo Capital, o texto tem a intenção de cartografar as principais tendências expressas por esses jovens, a partir da consideração de sua confissão religiosa, no campo das crenças e das práticas religiosas, dos valores morais e da política.

Palavras-chave: juventude, religião, valores morais, política, Minas Gerais.

* A área geográfica abrangida por este texto diz respeito à região metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) e os seguintes municípios: Barão de Cocais, Catas Altas, Santa Bárbara, Santana do Riacho, Baldim, Capim Branco, Florestal, Jaboticatuba, Matozinhos, Nova União, Rio Manso, Taquaraçu de Minas. Este conjunto de municípios foi denominado Pólo Capital.

** Respectivamente professora adjunta da UFMG, doutoranda em Sociologia pela UFMG, graduando em Ciências Sociais pela UFMG.

Resumé

A partir des données que l'étude a accompli parmi étudiants de la troisième année de l'enseignement moyen du filet public d'apprendre de Minas Gerais, en particulier de ce capital, le texte exprime des tendances pour ces jeunes, en commençant pour la considération de leur confession religieuse, dans le champ des fois et des entraînements religieux, des valeurs morales et de politique.

Mots-clé: jeunesse, religion, valeurs morales, politique, Minas Gerais.

Este texto é resultado do projeto de pesquisa “Religião, cultura e política entre a juventude de Minas Gerais”, um empreendimento conjunto do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da UFJF e do Centro de Estudos da Religião Pierre Sanchis da UFMG, sob a coordenação geral do professor Marcelo Camurça da UFJF, a quem somos gratos pelo convite para integrar a equipe da pesquisa.

O projeto tem como objetivo investigar as relações entre religião, cultura e política entre a juventude de Minas Gerais, bem como sua(s) percepção(ões) dos problemas que os afligem mais diretamente, a partir de uma abordagem que utiliza, de forma articulada, metodologias quantitativas (*survey*) e qualitativas (*grupo focal*).

O material empírico, neste texto, é oriundo de *survey* realizado entre alunos do terceiro ano do ensino médio da rede pública de Minas Gerais, posto que a segunda etapa da pesquisa, de caráter qualitativo, está em andamento. O questionário aplicado, abrangendo 80 questões sobre religião, política e valores morais, além de uma caracterização sócio-econômica dos entrevistados, estava incluído no projeto mais amplo “Sistema Mineiro de Avaliação da Educação Pública” (SIMAVE), que anualmente verifica a qualidade do ensino público através da aplicação de testes de conteúdo em alunos de diferentes segmentos escolares (4^a e 8^a séries do ensino fundamental e 3^a série do ensino médio), com vistas à elaboração de diagnóstico e de planejamento da política

educacional do estado¹. O questionário sobre religião, auto-administrado, foi aplicado conjuntamente à avaliação das áreas de história, geografia e ciências, no ano de 2001, atingindo um total de 11.481 alunos, dos quais, 3.880 dizem respeito ao Pólo Capital.

A amostra utilizada no *survey* tem caráter não probabilístico, isto é, não representa a totalidade da população-alvo da pesquisa. No entanto, o grande número de questionários aplicados e a compatibilidade entre os dados obtidos e pesquisas anteriores sobre juventude sugerem que esses dados refletem, com boa margem de segurança, as principais tendências desse segmento social.

O objetivo deste texto é realizar um primeiro sobrevôo exploratório sobre os dados do *survey*, enfocando particularmente o que diz respeito ao Pólo Capital, com a intenção de cartografar as principais tendências expressas pelos jovens entrevistados, a partir da consideração de sua confissão religiosa, no campo das crenças e práticas religiosas, dos valores morais e da política.



Começemos por um breve e sucinto perfil dos nossos jovens estudantes. A maior parte dos jovens estudantes do terceiro ano do ensino médio da rede pública de ensino de Minas Gerais, moradores do Pólo Capital, está na faixa etária entre 17 e 19 anos (67,1%)². A idade predominante é 18 anos (32,4%)³. A maioria é constituída por mulheres: 57,1%. Os homens correspondem a 41,1%.

¹ O SIMAVE é uma parceria entre a Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais e um conjunto de instituições de ensino superior do estado, sendo gerenciado pela Universidade Federal de Juiz de Fora. O processamento dos dados fica a cargo do Centro de Avaliação de Políticas Públicas em Educação da UFJF.

² Sabe-se do não consenso em torno dos limites de idade que definem a juventude, aliás, o próprio termo juventude é controverso. A delimitação mais comum, e aqui adotada, é a da faixa etária entre os 15 e os 24 anos. As idades mencionadas são as da época de aplicação do questionário, isto é, de 2001. Vale lembrar que os alunos entrevistados eram exclusivamente do ensino médio, cuja idade padrão varia dos 16 aos 19 anos.

³ Na faixa dos 17 anos ou menos estão 15,9%; com 19 anos, 18,8%. Com a idade de 20

Consideram-se pardos, 36%. Muito próximo, 34,4%, é o número dos que se declaram brancos, e apenas 17,2% se dizem negros. Como amarelos identificam-se 7,4% e como indígenas 2,7%.

Sabemos todos dos inúmeros problemas analíticos que o tema da cor suscita em nosso país. Todavia, levando em conta os dados enquanto auto-identificação, depreendem-se fatos bem sugestivos. Se somados os índices dos não-brancos (pardos, negros, amarelos, indígenas) encontramos um percentual de 53,2%. Vale dizer que a efetiva maioria é de não-brancos, e não-branco entendido como pardo, ou seja, o grande divisor de cor é entre branco e pardo.

Como a maioria dos pesquisados é de católicos, obviamente é nessa religião que se encontram as maiores frequências de qualquer cor. Dentre os jovens que se disseram espíritas 46% são brancos e 12,5% são negros. Comparados com as demais religiões, esses percentuais são, respectivamente, o maior índice de brancos e o menor de negros. Entre os adeptos do candomblé/umbanda, 44,4% deles, a maioria, se auto-identificou como pardo, seguido de 33,3% de negros. São entre eles, também, o que era de se esperar, que encontramos o menor percentual de brancos em comparação às outras confissões, apenas 11,1%.

Quanto ao estado civil destes jovens, 87,2% são solteiros, o que era previsível pela faixa etária em que se situam, enquanto 6,6% disseram ser casados. Apenas 1,4% disse que “vive com alguém” e 1,2 % respondeu “outro”. As frequências de respostas “viúvo” e “separado” somam juntas 1,1%.

O cruzamento entre o estado civil e o sexo produz resultados interessantes a respeito das diferenças de gênero. Quando se trata de ser solteiro, as mulheres são mais solteiras do que os homens: 57,3% para 42,7%. Quando se trata de ter alguma forma de união (“viver com alguém” ou ser casado), as mulheres também apresentam números maiores do que os homens: 58,2% delas vivem com alguém, contra 41,8% dos homens; 69,2% são casadas contra 30,8% dos

anos, eles são 8,9%; com 21 anos, 5,8%, com 22 anos são 3,4% e com 23 anos ou mais, 12,7%.

homens. Entre os que se declaram viúvos, encontramos 84,6% das mulheres e 15,4% dos homens. Mesma tendência se repete quanto à separação. Entre os separados, 65,6% são mulheres contra 34,4% dos homens.

A maioria dos entrevistados, 88,5% não têm filhos. 5,4% disse ter um filho, enquanto 3,0%, dois. As respostas três ou mais de três filhos juntas somam 1,6%. O total de respostas afirmativas sobre a existência de filhos, independente de seu número, é bastante expressivo, 10%.

A prole está claramente vinculada à alguma forma de união. Dos que têm filhos e são não solteiros, 79,9% são casados, 76,9% são viúvos e 76,4% vivem com alguém. Os solteiros com filhos são 3,1%. No geral, as mulheres têm mais filhos do que os homens, 67,3% para 32,7% dos homens.

A maior freqüência de filhos está entre os jovens na faixa etária dos 23 anos ou mais, 60,0%. No geral, quanto mais baixa a faixa etária, mais diminui a existência de filhos. Por exemplo, entre os jovens com 18 anos, 9,7% têm filhos, no entanto, os que têm entre 20 a 22 anos possuem menos filhos (15,3%) do que os que estão entre 18 e 19 anos (20,0%).

O percentual de jovens que trabalha é de 38,8%, enquanto 33,6% somente estudam.

Em termos de moradia, constatou-se que os estudantes pesquisados moram mais com as mães do que com os pais: 80,2% contra 65,8%, o que acompanha as tendências nacionais de crescente responsabilidade feminina pela chefia da família.

Ainda sobre a família, verificou-se que nossos jovens vivem em famílias com 5 ou 6 pessoas (38,9%), vindo em seguida famílias com 3 ou 4 pessoas (35,6%). Neste sentido, observa-se que as famílias desses jovens são grandes em relação ao tamanho padrão da família brasileira que é de 4 pessoas. A maioria disse ter dois irmãos (28,3%). É baixo o índice de filhos únicos, 4,6%. Ficam mais ou menos na mesma faixa um irmão (17,6%), três (16,5%) e mais de cinco (15,3%).

A moradia dos entrevistados, em termos de equipamentos eletrodomésticos e eletrônicos está assim equipada: 93,8% têm televisão a cores, 91,6% têm aparelho de som. Enquanto 96,2% têm geladeira, somente 27,4% possuem freezer. 80,8%

têm telefone, ficando próximos os índices dos que têm (43,5%) ou não têm (54,1%) celular. Mesma tendência para ter (42,3%) ou não (55,5%) automóvel. A única discrepância em relação ao conjunto dos dados sobre os equipamentos eletro-domésticos e eletrônicos diz respeito ao computador: 76,7% não têm.

Quanto à escolaridade dos pais, é interessante notar algumas tendências. O índice de analfabetismo entre as mães é mais baixo que entre os pais: 8,8% contra 12,4%. O ensino superior é significativamente mais elevado entre as mães: 10,3% contra 4,2%. Embora com variações, a frequência do ensino fundamental é mais ou menos a mesma para mães e pais, a faixa de maior concentração está na 1ª a 4ª série: pais 42,5% e mães 44,1%. O índice cai para a faixa da 5ª à 8ª série: pais 19%, mães 21,9%. Cai mais ainda quando se trata do ensino médio: pais 13,6%, mães 14,5%.

Sintetizando as linhas gerais do perfil dos jovens estudantes do terceiro ano do ensino médio da rede pública do Pólo Capital podemos dizer: o grupo é fundamentalmente feminino, não-negro (brancos e pardos com frequências muito próximas), majoritariamente solteiros e sem filhos. Vivem em famílias relativamente grandes, cujas moradias são bem equipadas de eletrodomésticos. As diferenças de gênero são bem marcadas entre esses jovens, o mesmo valendo para seus pais. As jovens mulheres, que são mais velhas, têm mais filhos do que os homens. As mais velhas também são não-solteiras e, em sua maioria, donas de casa (75%). As mães desses jovens também são, em sua maioria, responsáveis pela chefia da família. Essas mesmas mães têm escolaridade mais elevada que os pais e, quando estudam, estudam por muito mais tempo.

☆☆

O questionário continha 36 questões sobre religião, partindo da clássica pergunta “você tem religião?”, passando pelas formas de participação até às crenças e às práticas, bem como pelo relacionamento com outras religiões além da declarada pelo entrevistado como sendo a sua religião.

À pergunta “você tem religião?”, a esmagadora maioria respondeu afirmativamente: 91,5% sim contra 7,0% não. A declaração de pertencimento religioso não apresenta nenhuma novidade: 63,1% são católicos. As demais religiões (pela ordem decrescente: protestante, pentecostal, espírita, candomblé/umbanda e outras) correspondem aproximadamente a 26%. A ordem segue exatamente, embora com índices diferentes, o que o Censo de 2000 aponta para o Brasil.⁴

O catolicismo corresponde a esmagadora maioria da confissão religiosa dos entrevistados, enquanto ocorre um empate técnico entre protestantes (9,3%) e pentecostais (9,0%). O segundo lugar do campo protestante-pentecostal provavelmente justifique o baixíssimo índice das religiões afro-brasileiras.

A declaração de pertencimento a outras religiões é bastante expressiva (5,3%), denotando claramente a diversidade religiosa contemporânea, sobretudo se levarmos em consideração que no censo de 1989 apenas 1,3% dos brasileiros declaravam pertencer a outras religiões, número que se eleva em 2000 para 1,8%.

Perguntados sobre o valor que a família, o trabalho, a religião, a escola, os amigos, o namoro e o esporte tinham em suas vidas, a religião aparece em terceiro lugar com 56,4%, ficando atrás da família, em primeiro lugar, com 79,8%. O valor da religião fica muito próximo do do segundo lugar, trabalho (57,6%). É muito sugestivo o fato de a religião estar na frente da escola (50,9%), dos amigos (42,5%), do namoro (37,7%) e do esporte (27,4%).

A questão sobre o valor, quando cruzada com a declaração de religião, fornece alguns dados interessantes, que sugerem inusitadas relações. Não há uma variação significativa do valor atribuído à família e à escola, segundo a religião. Os amigos são mais valorizados entre os espíritas (55,8%), seguidos dos que se declaram como pertencentes ao candomblé/umbanda (45,5%), dos católicos (44,8%) dos

⁴ Para o Brasil, os números são os que seguem: católica - 73,8%; evangélica - 15,4%; espírita - 1,4%; afro-brasileira - 0,3%; outras - 1,8%; sem religião - 7,3%.

pentecostais (39,7%) e, finalmente, dos protestantes (39,6%). Entre os católicos, 57,6% atribuíram o maior valor para o papel da religião em suas vidas, ficando atrás apenas dos espíritas (56,3%). Os protestantes são, relativamente, os que mais valorizam o papel da religião nas suas vidas (73,5%), seguidos dos pentecostais (70,1%) e dos adeptos do candomblé/umbanda (60%). O trabalho não é, para grande surpresa, o mais valorizado entre os protestantes (56,5%) mas, sim, entre os espíritas (70,5%). São também os espíritas que atribuem ao trabalho o maior valor na escala. Os protestantes aparecem, atrás, inclusive, dos católicos (59,3%). O namoro é bastante valorizado entre adeptos do candomblé/umbanda (70%), enquanto nas demais religiões fica na casa dos 38% a 43%, aproximadamente.

Os jovens estudantes do Pólo Capital indagados sobre as influências que sofreram na escolha de sua religião, posicionam-se como segue: pais - 47,8%; motivos pessoais - 31,2%; amigos - 3,3%; outros parentes - 2,6%; pessoas religiosas - 1,5%. O resultado é perfeitamente coerente com a centralidade atribuída à família. Entre todos os pertencimentos religiosos declarados por eles, a escolha da sua religião se dá por motivos pessoais, exceto entre os católicos, cuja maioria (64,2%) disse ter escolhido sua religião por influência dos pais. Nota-se, portanto, nessa geração, que a religião já é muito mais questão de escolha individual do que herança.

Sobre a religião dos pais, e como não poderia deixar de ser, tendo em vista os resultados anteriormente mencionados, observa-se a predominância francamente majoritária do catolicismo. Enquanto 7,7% dos pais não têm religião, todas as mães têm alguma religião. Nesta mesma linha, uma outra interessante polaridade: enquanto é 0,0% a frequência de outras religiões para as mães, para os pais é de 10,2%. As mães são francamente mais pentecostais e protestantes (19,3%) que os pais (11,3%), havendo aí uma outra polaridade: os pais são, pela ordem, primeiro pentecostais e depois protestantes, as mães são o inverso. Os pais (0,6%) são mais adeptos às religiões afro-brasileiras do que as mães (0,3%), o dobro.

O quadro de crenças desses jovens pode ser dividido em blocos. O primeiro bloco, composto pelos cinco primeiros lugares, corresponde a um conjunto de crenças claramente referente ao campo católico, a saber: milagres - 80,5%; anjos/demônios - 68,7%; Virgem Maria - 66%; santos - 57,6%; vida após a morte - 52,3%. Este resultado é claramente coerente com a confissão religiosa predominantemente católica declarada. Um segundo bloco, composto pelo sexto, sétimo e oitavo lugares, refere-se ao campo espírita: espíritos - 50,7%; energias/aura - 34%; reencarnação/vidas passadas - 29,1%. É claro que a significativa frequência de crença em espíritos pode estar relacionada com o campo protestante-pentecostal, que corresponde ao segundo e terceiro lugares, respectivamente, da confissão religiosa desses jovens. Isolados aparecem o campo afro e o novaerista. O primeiro, em nono lugar, com a crença em entidades/orixás - 17,4% e o segundo, em décimo lugar, com a crença em adivinhação/previsão do futuro - 16,8%.

A crença em milagres é que apresenta o índice mais elevado (80,5%), assim como a crença em adivinhação/previsão do futuro é a de índice mais baixo (16,8%), apontando para uma plausível polaridade entre o campo católico e o novaerista. Uma outra interessante polaridade se destaca, em se tratando de um grupo de jovens: se de um lado, eles parecem não muito preocupados com a previsão do futuro (último lugar do quadro de crenças), parecem dar importância à vida após a morte (quinto lugar no quadro de crenças).

O cruzamento entre crenças e confissão religiosa mostrou grande coerência, ao mesmo tempo que revela característicos hibridismos brasileiros. Por exemplo, a maioria dos católicos, espíritas e adeptos do candomblé/umbanda acreditam na Virgem Maria, respectivamente: 90,7%, 80,9% e 90,9%. E como não era de se esperar, 16,0% dos protestantes e 11,5% dos pentecostais disseram crer na Virgem Maria. Em todas as religiões confessadas, observou-se uma franca maioria de crença em milagres, na faixa dos 80,0%, o que aponta para a nossa matriz católica.

Quanto à prática da sua religião é significativo que 71,8% dos entrevistados declarem fazer oração diária, mesmo que

seja modesta sua participação nas atividades da sua religião, dado que o índice mais alto de participação é 29,1% e corresponde a “de vez em quando”. O tempo dedicado à religião é pequeno, sendo o índice mais alto o de “duas horas” por semana, que corresponde a 13,1%.

A oração é praticada diariamente e majoritariamente entre os protestantes (87,0%), pentecostais (85,2%) e católicos (78,8%). Considerando-se esses dois grandes grupos de confissões declaradas, a maioria (39%) dos católicos participam de atividades de sua religião “de vez em quando/raramente”, o que sugere serem não-praticantes. Em seguida tem-se 27,3% que participam “uma vez por semana”. Considerando ainda o tempo semanal que eles dedicam à sua religião, nota-se que a maior frequência (17,0%) refere-se a “uma hora”, tudo levando a crer que a efetiva participação dos católicos se dá na missa. Quanto aos protestantes-pentecostais, é significativa a participação diária (51,0%) nas atividades de sua religião, bem como “mais de uma vez por semana” (72,2%), do mesmo modo que dedicam mais tempo, “duas horas” (41,8%) às atividades de sua religião.

O dízimo é praticado por 11,4% dos estudantes pesquisados, enquanto a não contribuição financeira é da ordem de 17,4%. O índice mais alto relativo à contribuição financeira para as atividades de sua religião é 32,0% que corresponde a “de vez em quando”. Considerando-se o conjunto das confissões religiosas declaradas, confirma-se que a maior prática do dízimo está entre os pentecostais (34,0%) e os protestantes (31,9%). O mesmo se confirma quando observa-se cada confissão isoladamente e as diferentes formas de contribuição financeira: 44,9% dos pentecostais e 40,1% dos protestantes praticam o dízimo.

A participação em atividade de outra religião é bem modesta: 18,1% de respostas afirmativas para 49,6% de negativas. Somente entre os adeptos do candomblé/umbanda e os espíritas verifica-se que a maioria deles costuma participar de atividades de outra religião além da sua, respectivamente, 55,6% e 52,8%. Dentre os protestantes, encontra-se o menor índice (18,3%) de participação em atividades de outra religião.

No perfil dos nossos jovens estudantes, a religião não parece ter interferência na escolha de amigos: 55,3% aceitam amigos de qualquer religião. Obviamente que a mais aceita é a católica com 16,1% e a menos aceita é candomblé/umbanda com 0,5%. Embora com intervalos significativos mais baixos, mas seguindo a mesma ordem da amizade, a religião parece também não influir na escolha do cônjuge. Assim, 37,2% casam com pessoa de “qualquer religião”; em segundo lugar vem a religião católica com 28,8% e por último candomblé/umbanda com 0,4%. Verifica-se a mesma tendência relativa ao par negócio-religião. A maioria deles, 47,4%, aceita montar um negócio com pessoas de “qualquer religião”. Quando se trata de escolher a religião do parceiro de negócios, ela recai primeiramente sobre a religião católica (20,4%); a mais rejeitada é candomblé/umbanda (0,3%). Do conjunto das religiões professadas, observa-se que é entre os pentecostais e protestantes onde estão as maiores freqüências de “intolerância” quanto a aceitação de amigos, casamento e negócios com pessoas de “qualquer religião”. Entre os pentecostais, 51,9% não aceitam amigos de “qualquer religião”, entre os protestantes são 51,8%. O casamento com pessoa de “qualquer religião” não é aceito por 87,2% dos pentecostais e 85,9% dos protestantes. Já com relação ao par negócio-religião, 74,9% dos pentecostais e 72,3% dos protestantes não aceitam estabelecer relações de negócio com pessoas de “qualquer religião”. Observa-se, também, que os espíritas e os adeptos do candomblé/umbanda são os mais “tolerantes” na escolha de cônjuge de religião católica, uma vez que enquanto apenas 13,7% dos pentecostais e 12,9% dos protestantes responderam que aceitariam casar com uma pessoa da religião católica, 48,5% dos espíritas e 42,9% dos adeptos do candomblé/umbanda aceitariam. Mais uma vez encontramos, aqui, uma certa “intolerância” dos protestantes e dos pentecostais, mais destes últimos. Por outro lado, a religião que mais sofre a “intolerância” por todas as outras e incrivelmente até mesmo por seus próprios adeptos é a “candomblé/umbanda”. Todas as perguntas que indagavam sobre a aceitação de amigos, casamento ou negócios com pes-

soas do candomblé/umbanda tiveram índices muito baixos de respostas afirmativas. Quando os índices de aceitação eram relativamente maiores, correspondiam a respostas dos próprios adeptos do “candomblé/umbanda”.

Convidados a concordar ou discordar com alguns juízos, envolvendo crenças e práticas religiosas, 59,3% dos entrevistados declaram acreditar que “o demônio ou alguma entidade do mal pode tomar conta do corpo e do espírito de uma pessoa”. São 72,7% os que discordam da idéia de que “o pecado é uma invenção dos padres, dos pastores e das religiões para controlar os homens”. 70,6% declaram acreditar que “o pecado é uma desobediência voluntária à lei de Deus”. Ainda sobre o pecado, 74,8% dizem acreditar que ele é uma falta contra a lei de Deus, que as pessoas podem cometê-lo mesmo sem querer. Quanto ao perdão dos pecados, 68,8% discordam de que “padres e pastores tenham o poder de perdoar os pecados”.

Mais uma vez, misturas e dados pouco ortodoxos se revelam no cruzamento de tais questões com a declaração de religião: 40,0% dos adeptos do candomblé/umbanda e 28,4% de espíritas não acham que uma entidade do mal ou demônio possa tomar conta do corpo e do espírito de uma pessoa. Com a mesma proporção do que católicos (70,6%), 70% dos adeptos da candomblé/umbanda e 66,7% dos espíritas concordam que o pecado é uma desobediência voluntária à lei de Deus. A crença no pecado como ato involuntário contra a lei de Deus é de 78,5% entre os católicos, caindo significativamente entre os espíritas, 50,6%.

Sobre a virgindade feminina, 47,2% dos jovens estudantes pesquisados discordam de que a mulher deve permanecer virgem até o casamento. Os espíritas são os que mais discordam que as mulheres devam permanecer virgens até o casamento (84,2%). O inusitado é que 74,2% dos católicos discordam da obrigatoriedade da preservação da virgindade até o casamento, enquanto 55,6% dos adeptos do candomblé/umbanda concordam com a manutenção da virgindade.

Já com relação à virgindade masculina, 54,0% discordam que o homem deva permanecer virgem até o casamento. Dentre os espíritas, 90,8% discordam da afirmação, mas

em todas as confissões religiosas há um aumento significativo da discordância em relação à necessidade do homem manter sua virgindade até o casamento, o que mostra que o recorte de gênero é uma variável importante nesse quesito. Discordam dessa afirmativa: 85,6% dos católicos, 29,6% dos protestantes, 32,7% dos pentecostais e 75,0% dos adeptos do candomblé/umbanda. Já com relação à manutenção da virgindade feminina, discordam dela: 74,2% dos católicos, 25,9% dos protestantes, 22,3% dos pentecostais e 55,6% dos adeptos do candomblé/umbanda.

A atitude dos jovens com relação ao aborto é a seguinte: 58,4% discordam de que ele seja uma decisão livre da mulher, 49,2% concordam que ele se justifica em caso de estupro e 55,0% discordam que o aborto não possa ser justificado em nenhuma circunstância. De toda sorte, há um índice bem mais alto de concordância com a afirmativa de que o aborto é uma decisão livre da mulher entre católicos (26,2%) do que entre protestantes (16,6%) e pentecostais (16,9%), mesmo a Igreja Católica tendo marcado forte oposição ao aborto nos últimos tempos. Quando se trata da afirmação de que o aborto se justifica apenas em caso de estupro, há uma elevação significativa do nível de concordância entre adeptos de todas as religiões (68,2% dos católicos, 57,4% dos protestantes, 61,4% dos pentecostais, 54,5% dos adeptos do candomblé/umbanda), exceto entre os espíritas, dentre os quais concordam com essa afirmativa 36,7%.

Perguntados se concordam ou discordam de que a pena de morte deva ser implantada no Brasil para crimes mais graves, 49,5% dos entrevistados afirmam que concordam. A pena de morte é mais aceita entre jovens católicos (69,7%) e menos aceita entre os jovens protestantes (61,6%). Dentre os espíritas, 53,3% concordam com a implantação da pena de morte para crimes mais graves.

Sobre o direito de casamento entre homossexuais, sejam homens ou mulheres, 43,8% concordam que esse é um direito legítimo. Dentre os espíritas, percebe-se um maior nível de concordância com esse direito (84,9%), seguidos de adeptos do candomblé/umbanda (77,8%) e dos católicos (73,4%).

Em relação à fidelidade, concordam com a necessidade de mantê-la a todo custo pela mulher em relação ao marido 73,5%, e pelo homem em relação à esposa 73,7%. Parece que a questão da fidelidade é unânime entre nossos jovens entrevistados e não é defendida apenas para as mulheres, mas para os homens também, e sem variação segundo a confissão religiosa, pois praticamente todas estão na casa de 90% de concordância com as afirmativas.

Apresentados a uma série de afirmações sobre o poder de Deus no destino dos homens e das coisas, nossos jovens tiveram que optar com qual das afirmações mais concordavam e o resultado geral foi o seguinte: "Deus manda em tudo o que acontece no mundo" - 33,3%; "Deus só inter-vém no mundo em ocasiões graves e especiais" - 30,5%; "Deus não interfere na história" - 20,8%.

Sobre a participação política, 73,3% declaram não ter relação com partidos, enquanto 2,3% são filiados a algum partido político. A simpatia por algum partido corresponde a 10,1%. Não há variação significativa da participação política segundo a confissão religiosa, ou seja, a grande concentração das respostas, independentemente da religião, está em "não tenho nada com os partidos".

Sobre a relação entre voto e religião, 62,7% declaram votar em candidatos de religiões diferentes da sua, para 4,2% que votam apenas em candidatos da sua própria religião. Não há relação em nenhuma religião entre voto e fidelidade religiosa, salvo uma pequena tendência, discretamente apontada, entre os pentecostais, 12,0%, e dos adeptos do candomblé/umbanda, 12,5%, contra 5,4% dentre os católicos e 8,2% dentre os protestantes.

Com respeito à relação e/ou dissociação entre a crença em Deus e a adesão religiosa, 1,7% não acredita em Deus e não acredita nas religiões. Crêem em Deus, mas não nas religiões, 13,1%. Enquanto 18,8% acredita em Deus e no valor da sua religião, 53,7% acredita em Deus e no valor de todas as religiões. Algumas variações interessantes merecem ser destacadas ao observarmos essa questão segundo a religião. Os espíritas e os adeptos do candomblé/umbanda expressam o maior grau de ecumenismo, 90,0% e 85,4% deles, respec-

respectivamente, crêem em Deus e no valor de todas as religiões. O percentual de católicos que também optam por essa afirmação é de 72,3%. É expressivo também o grande número de protestantes (28,5%) que declaram acreditar em Deus, mas não acreditar nas religiões. Por outro lado, a maior parte dos pentecostais (44,2%) acredita em Deus e no valor apenas da sua própria religião.

Em síntese: os jovens estudantes mineiros pesquisados seguem as tendências gerais que têm sido apontadas para a religião em nosso país e para juventude brasileira como um todo. Eles são francamente católicos. Escolhem sua religião por motivos pessoais. Sua participação nas atividades religiosas é modesta, embora um número expressivo faça oração diária. A religião não tem grande influência na escolha de amigos mas, ao contrário, tem maior influência na escolha do cônjuge. Nota-se uma certa tendência a se expressarem mais nitidamente no campo da religião do que no dos valores morais e da política, fato evidenciado pelo alto índice de “não respostas” (“não sabe” e “não respondeu”) nas questões relativas aos dois últimos campos, bem como em alguns casos seguem os preceitos doutrinários de sua religião, em outros não.

Para terminar, e levando em consideração aquilo que nossos jovens valorizam como importante em seu dia-a-dia, tal como foi anteriormente mencionado, lançamos como indagação (e provocação, por que não?): será que a velha fórmula TFP permanece atuante nessa geração? Metamorfoseada em FTR (família, trabalho e religião)?